



ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Paulo Knauss
Universidade Federal Fluminense - UFF

Índios no salão: Louis Rochet e a escultura etnográfica entre a França e o Brasil

O trabalho pretende apresentar uma investigação sobre a representação étnica na escultura do século XIX e sobre o papel do circuito de exposição a partir da biografia de obras de arte. O estudo de caso recai sobre a história das maquetes do pedestal da estátua equestre do imperador dom Pedro I, caracterizadas pela presença de figuras indígenas, realizadas pelo escultor francês Louis Rochet e expostas no salão de arte de Paris no ano de 1861. Para realização da escultura monumental, o escultor passou uma temporada no Rio de Janeiro em 1856 com o objetivo de desenvolver estudos para definir o tratamento do projeto original e premiado de Maximiano Mafra, para o qual foi contratado. Durante esse período ele realizou a modelagem de várias cabeças indígenas, que serviram de referência para a criação das figuras indígenas do pedestal da estátua equestre. O estudo pretende, num primeiro momento, caracterizar como a obra de Rochet se coloca entre dois mundos artísticos. De um lado, Rochet assumiu a tarefa de desenvolver um projeto artístico inserido na vertente do indianismo da arte brasileira. Por outro lado, sua criação se inseria no ambiente da escultura etnográfica europeia em voga na época. Desse modo, a partir da exposição das maquetes no salão francês de 1861, o estudo pretende relacionar sua obra com a criação escultórica europeia de seu tempo, mas igualmente relacionar sua criação de figuras indígenas com a escultura indianista do Brasil. Num segundo momento, o estudo pretende explorar a história da transferência das maquetes escultóricas da França para o Brasil. Trata-se de apontar como as peças artísticas se colocam entre dois universos nacionais. Originalmente, elas fizeram parte do antigo museu de antropologia francês do Trocadero que tematizava a diversidade étnica e cultural no mundo. Na época do desmonte do primeiro museu antropológico de Paris, as maquetes foram vendidas e numa seqüência de aquisições terminaram sendo reunidas no acervo do Museu Histórico Nacional, no Brasil. Essa transferência envolveu também um deslocamento cultural, pois de obra de arte francesa estas peças se definiram como representações do Brasil, compondo a imaginária cívica nacional. Pretende-se, assim, colocar em questão os sentidos da arte estrangeira no Brasil.